

# Alpargatas cria ações para a conversão da dívida

*Externo*

Os acionistas preferenciais da São Paulo Alpargatas aprovaram ontem, em assembleia especial, uma emissão de ações preferenciais especiais para subscrição por investidor estrangeiro em caso de conversão da dívida.

Keith Bush, presidente do conselho de administração da Alpargatas, motivado com a recente regulamentação do programa de

conversão parcial da dívida externa em investimentos e com o sucesso do primeiro leilão de conversão, disse que o objetivo da companhia é criar possibilidades de obter recursos de capital de risco para novos investimentos.

O aumento concreto do capital, bem como o preço a ser cobrado na emissão de ações — cujo direito de preferência dos acionistas,

tanto ordinários quanto preferenciais, será preservado — serão deliberados em nova assembleia geral extraordinária, ainda a ser convocada, explicou Bush.

O gerente de relações com o mercado mobiliário, Rinaldo Detino, afirmou que a emissão será equivalente a 5 e até 9% das ações até hoje emitidas. (O capital da Alpargatas é representado por 156,6 milhões de ações, sendo 83,7 milhões ordinárias e 72,9 milhões preferenciais, grupadas em lote de mil.) E ressaltou que a emissão não guardará a proporção vigente com as ações ordinárias, tendo em vista o programa de conversão.

Ivo de Miranda Reis, diretor-executivo, disse que a última captação líquida da Alpargatas foi em 1979, quando da aquisição da Rainha, frisando que em 1982 o que houve foi uma "transferência" da participação da Alpargatas da Argentina, a SAIC, para investidores locais.

Além da assembleia especial, a Alpargatas realizou, também ontem, assembleias gerais ordinária e extraordinária, quando Bush revelou que as vendas totais do primeiro trimestre deste ano chegaram a CZ\$ 16,919 bilhões, apresentando uma queda real de 1,3% comparada com o mesmo período do ano passado.

"As nossas exportações atingiram o valor de US\$ 14,2 milhões no trimestre, ficando ligeiramente abaixo de igual período do exercício de 1986".

Segundo Martin Affonso dos Anjos, diretor-presidente da companhia, a desvalorização do dólar que seguiu o "crash" da Bolsa de Nova York em outubro passado, contribuiu para uma defasagem cambial no mercado têxtil, que se manteve mais cauteloso nos últimos meses. Mas afirma que a cotação inter-

nacional do algodão está em queda — de US\$ 1,85 o libra-peso foi para US\$ 0,60 —, aproximando-se dos níveis dos preços internos, que vêm subindo dos US\$ 0,40 por libra-peso.

Affonso dos Anjos disse que o Brasil, nos últimos anos, vem cumprindo a cota de exportações de produtos têxteis com o Mercado Comum Europeu e os Estados Unidos, de US\$ 1 bilhão. Deste total, afirma, cerca de US\$ 360 milhões são para os EUA, representando 1,2% das importações daquele país. (No ano passado a Alpargatas exportou US\$ 77,7 milhões — 40% para os EUA —, 6,1% a mais que em 1986.)

Ele disse que em negociações recentes foi conseguido um incremento de 40%, nos próximos quatro anos, nas cotas de exportação, o que acha importantíssimo, bem logo quando os EUA pensavam em reduzir suas importações. "E bom que as cotas sejam utilizadas logo, para que não sejam diminuídas posteriormente", afirma.

Planos de aquisição de tecnologia dos Estados Unidos, iniciados em 1986 e que poderão se prolongar por mais dois ou três anos, afirma o diretor-presidente da Alpargatas, pretendem levar a companhia a um nível médio de qualidade e tecnologia semelhante a das indústrias têxteis da Coréia do Sul, Taiwan e Hong Kong, seus competidores internacionais.

A Alpargatas vai manter em 1988 os mesmos níveis de investimentos de anos anteriores, de US\$ 40 milhões, parte com financiamento próprio e parte com o restante dos US\$ 30 milhões obtidos através de linhas de crédito para aquisição de equipamentos, contratadas em maio de 1987, com a International Finance Corporation (IFC), subsidiária do Banco Mundial.